



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

MODOS DE OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO FUMANTE NO DISCURSO ANTITABAGISTA DAS EMBALAGENS DE CIGARRO

Claudemir Sousa¹

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa que desenvolvemos no Mestrado. Discutimos a constituição do sujeito fumante em campanhas antitabagistas das embalagens de cigarro, refletindo sobre o corpo como marca do biopoder e como um domínio da estética de si. O aporte teórico utilizado é a Análise do Discurso (AD), partindo da arqueogenealogia de Michel Foucault, cujas categorias teórico-analíticas utilizadas são os conceitos de enunciado, sujeito, governamentalidade, biopoder, biopolítica e cuidado de si. O corpus da pesquisa foi constituído por 18 enunciados antitabagistas coletados no site do Instituto Nacional do Câncer (INCA). Para este trabalho analisamos seis (6) desses enunciados. Concluir que o combate ao tabagismo visa tornar a população mais saudável, produtiva e menos onerosa ao Estado e que resista ao biopoder implica em ser punido por doenças e morte.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito fumante. Campanhas antitabagistas.

Abstract: This paper presents the results of the research that we developed during the Master. We discuss the constitution of the smoker subject in antismoking campaigns of cigarette packs, reflecting on the body as brand of biopower and as a field of aesthetic of the self. The theoretical approach is the Discourse Analysis (AD), starting from archeogenealogy of Michel Foucault, whose theoretical and analytical categories used here are the concepts of statement, subject, governmentality, biopower, biopolitics and caring of the self. The corpus of the research consisted of 18 antismoking statements collected on the site of the National Cancer Institute (INCA). For this paper we analyze six statements. We conclude that tobacco control aims to make the population more healthy, productive and less costly to the state and that resist to the biopower implies being punished by illness and death.

Keywords: Discourse. Smoker Subject. Anti-smoking campaigns.

Introdução: a análise do discurso com Foucault

¹ Doutorando em Linguística em Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Ar). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA) e do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Discursos (GPELD). E-mail: claudemir201089@hotmail.com.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Já não é novidade entre os estudiosos do discurso que Foucault não objetivou desenvolver uma teoria ou disciplina do discurso. Também é já conhecido o fato de os seus trabalhos terem tido impacto nas mudanças operadas por Pêcheux na Análise do Discurso (AD), sobretudo por influência de Courtine. Tendo isso em vista, esse trabalho se situa em uma vertente da AD que dialoga com a arqueogenealogia foucaultiana.

Em seus trabalhos Foucault (2009, p. 273) criou “uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”. Ele realizou essa história em três momentos distintos, denominados por Gregolin (2004), entre outros pesquisadores, como as três épocas de Foucault.

O primeiro momento, conhecido como a fase arqueológica, teve como alvo os modos de investigação que tentam atingir o estatuto de ciência e que produzem a objetivação do sujeito, como o sujeito do discurso, objeto de investigação da gramática, da Linguística e da Filosofia; a objetivação do sujeito produtivo (que trabalha) na análise das riquezas e na Economia; e a objetivação do fato de estar vivo, na história natural ou Biologia.

O segundo momento se voltou para a objetivação do sujeito nas “práticas divisoras”, modos de objetivação que tentam dividir o sujeito em seu interior e em relação ao outro, tais como: o louco e o são; o bom e o mau. Nesse momento o autor analisa a articulação entre os saberes e os poderes, a partir de onde desenvolve a ideia de pulverização de poderes na sociedade. Essa é conhecida como a fase genealógica.

Por fim, o terceiro momento se caracteriza pela análise dos modos pelos quais o ser humano torna-se ele próprio um sujeito, como nos estudos sobre como o homem se torna sujeito de uma sexualidade, em que Foucault estuda os modos de subjetivação do ser humano, que “diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de ‘verdade’ ” (GREGOLIN, 2008, p. 94, grifos da autora). Este momento dos estudos de Foucault é caracterizado como a fase da “ética e estética de si” ou genealogia da ética.

Conceitos operatórios: enunciado, sujeito, biopoder, biopolítica e cuidado de si

O enunciado para Foucault (2008) é a unidade de análise do discurso e não se confunde com a proposição, a frase e o *speech act*. Ele possui uma singularidade de existência



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material) e é caracterizado Foucault (2008a, p. 98) como “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. Há quatro elementos que o diferenciam da proposição, da frase e do ato de linguagem.

O primeiro é o referencial do enunciado, que, segundo Courtine (2009), forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos, objetos, estados de coisa e relação que o enunciado põe em jogo. É ele que dá condições de aparecimento e delimitação e valor de verdade aos elementos do discurso.

O segundo é o sujeito, que mantém com o enunciado “uma relação determinada que se deve isolar, sobretudo, das relações com as quais poderia ser confundida, e cuja natureza é preciso especificar” (FOUCAULT, 2008, p. 103-104). Esse sujeito não necessariamente corresponde ao sujeito gramatical de primeira pessoa, pois ele não pode ser encontrado no sintagma linguístico e mesmo os enunciados que não possuem primeira pessoa, apresentam um sujeito. Ele é uma função vazia e não coincidente consigo mesmo de um enunciado a outro, na medida em que pode ser assumida por diferentes indivíduos, e um mesmo indivíduo ocupa diferentes posições em uma série de enunciados, assumindo papel de distintos sujeitos.

O terceiro elemento é o fato de a função enunciativa só poder ser realizada em um campo associado, constituído por uma trama complexa de enunciados, em que estão as formulações no interior das quais o enunciado é um elemento, as formulações a que o enunciado se refere, seja repetindo-as, modificando-as, adaptando-as ou se opondo a elas, pelas formulações a que o enunciado dará origem, que podem vir após ele e pelas formulações “cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro” (FOUCAULT, 2008, p. 111).

Assim, consideramos aqui as propagandas antitabagistas como enunciados cujo campo de emergência é o discurso médico, o qual dá lugar ao sujeito fumante em nossa época como um corpo doente. Cada enunciado é considerado aqui em um campo no qual mantem relação com outros enunciados, seja repetindo-os, seja se opondo a eles.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Quanto aos conceitos de biopolítica, biopoder e governamentalidade, estes aparecem nas discussões de Foucault sobre as relações entre o poder e o saber. Em uma de suas análises Foucault discute o exercício do poder do soberano sobre a vida e a morte. Segundo ele, Na sociedade de soberania “o direito que é formulado como de vida e morte é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver” (FOUCAULT, 1999, p. 128, grifos do autor).

Na Época Clássica esse mecanismo de poder sofreu transformação no Ocidente, e com isso, o direito de matar deu lugar a uma forma de poder que visa gerir a vida, do qual a morte aparece como um reverso. Só se torna legítima a morte daqueles que são um perigo biológico para os outros. Foucault (1999) situa no século XVIII o desenvolvimento do poder sobre a vida, em duas formas que não se excluem, constituindo dois polos interligados por um feixe de relações.

O poder sobre a vida se organiza em torno das disciplinas do corpo e das regulações da população. Foucault (1999) aponta duas faces: uma anatômica, que é individualizante, voltada para os desempenhos do corpo, e outra biológica, que encara os processos da vida. Com essa nova forma de poder desenvolvem-se técnicas diversas de sujeição e adestramento dos corpos e de gestão e controle das populações, como as observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração. Abre-se, diz Foucault (1999, p. 132 grifos do autor) “a era do ‘bio-poder’ ”.

Em função disso proliferam tecnologias políticas que investem sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, etc. Para Foucault (1999, p. 138), estamos numa sociedade em que “os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada”. Essa técnica de poder, que ele chama de biopolítica da espécie humana, dirige-se à vida da espécie, ocupando-se “de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de produção, a fecundidade de uma população, etc.” (FOUCAULT, 2005a, p. 289-290). Para tanto, será lançado mão da medição estatística desses fenômenos, como forma de produzir um saber sobre os alvos de controle do biopoder. Nesse momento, devem-se tratar as doenças, pois subtraem a força e diminuem o tempo de trabalho, causando custos na economia, porque necessitam de tratamento.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Com a biopolítica, introduz-se uma Medicina Social que terá como função a higiene pública, através de campanhas de aprendizado e medicação da população. O biopoder promove a regulamentação da espécie, pois visa aumentar a vida, controlar acidentes, eventualidades, deficiências e a própria morte, que só aparece em estatísticas. Se na soberania, a morte era parte de um ritual público, agora é motivo de vergonha e deve ser deixada de lado pelo poder, que vai se esforçar para manter vivo até mesmo aquele que já deveria estar morto.

Há, assim, duas séries de poder que se articulam: um disciplinar, que visa ao corpo individual, e outro regulamentar, que se exerce sobre a população. Entre a disciplina e a regulamentação, afirma Foucault (2005a), circula a norma. Vivemos em uma sociedade de Normalização. A Medicina é um saber-poder, uma técnica de intervenção que tem essa função normalizadora, cujo poder disciplinar sobre o corpo orgânico e biológico tem efeito regulamentar sobre a população.

Foucault (2013a) verifica que, com a expansão demográfica no século XVII, em que emerge o problema da população, a noção de economia será centrada na Estatística, que vai revelar as características próprias da população e os fenômenos a ela referentes: o número de mortos, de doentes, regularidade de acidentes, etc. Isso o faz afirmar que vivemos, desde o século XVIII, na era da governamentalidade, entendida esta palavra como:

o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2013a, p. 429).

Desse modo, o objetivo final do governo passa a ser a população, cuja saúde, riqueza e duração de vida devem aumentar. Além de promover o governo e o cuidado a vida da população, a govenamentalidade incita os sujeitos a cuidarem de si mesmos. O cuidado de si implica a ideia de que se deve ocupar-se consigo mesmo. Em nossa época a Medicina apresenta-se como um saber normalizador de práticas de cuidados com o corpo, que implica



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

em um conjunto de ocupações, como o cuidado com a casa, o cuidado do governante com seus governados, os cuidados tomados com um doente ou ferido etc.

A constituição do sujeito fumante em campanhas antitabagistas

Os enunciados que analisaremos aqui compuseram a segunda série enunciativa (FOUCAULT 2008) do nosso *corpus* de pesquisa e é constituída de enunciados relativos ao combate às doenças decorrentes do tabagismo passivo. Esse domínio enunciativo é atravessado por um discurso de cuidados com a infância e com a gestação. Busca-se combater o fumo passivo junto a bebês ainda em gestação ou em fase de amamentação e também às crianças que convivem com fumantes e são expostas à toxicidade da fumaça do cigarro.

No enunciado da Figura 1 há, na sequência verbal, situada na parte superior do conjunto enunciativo, uma recorrência ao discurso científico sobre os males do tabagismo para a saúde de crianças, credibilizando o controle exercido sobre os sujeitos.

Figura 1: Crianças que convivem com fumantes têm mais asma, pneumonia, sinusite e alergia



Fonte: INCA, 2003

A imagem mostra uma menina com uma bomba de ar utilizada por quem tem problemas respiratórios, como os citados na parte verbal. O espaço hospitalar é evocado, como forma de caracterizá-la como um corpo doente. Além disso, o ambiente turvo por trás da garota é um recurso que dá a impressão que ela está presa em um espaço cheio de fumaça, criando a atmosfera cênica de um mundo melancólico.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Na mensagem de advertência são elencados os riscos da fumaça tóxica do cigarro para a saúde infantil, quais sejam: o acometimento por asma, pneumonia, sinusite e alergia. Ao mobilizar o discurso da Medicina para alertar dos riscos do tabagismo passivo, desloca-se o fumante ativo do lugar de vítima para o de vilão. As instituições de controle sanitário governam as ações do fumante nesse enunciado propondo regras de conduta para evitar causar prejuízo à saúde de outros sujeitos.

. Esse enunciado nos questiona o porquê da exposição da imagem de uma criança para advertir sobre a toxidade da fumaça do cigarro, e não a de um adulto, já que todos estão sujeitos ao fumo passivo. A estratégia utilizada para alertar sobre os riscos do tabagismo é evocar uma série de discursos sobre a família e a infância. Esse enunciado põe em funcionamento uma série de questões sobre o lugar da criança na sociedade e possibilita reconstruir a “genealogia das imagens de nossa cultura” (COURTINE 2013, p. 44) acerca das representações sociais sobre a infância.

A infância é o momento da vida marcado pela dependência em relação a um adulto, do qual se esperam atitudes como responsabilidade e maturidade. Sabendo dos riscos a que expõe outras pessoas, espera-se que o adulto fumante se responsabilize por promover o tabagismo passivo e tome as devidas providências para evitá-lo. Propõe-se que o fumante cuide de si, pois esse cuidado com sua saúde reflete na saúde de quem convive com ele.

Esse enunciado não alcançaria o mesmo efeito se a imagem estivesse retratando um adulto sofrendo porque convive com a toxidade da fumaça. Nesse caso, como alguém responsável, ele teria o dever de se afastar daquilo que prejudica sua saúde. Já a criança nem sempre tem essa possibilidade de escolha, ficando a cargo de outra pessoa decidir por ela. É a esse adulto responsável que a mensagem de advertência se direciona, não às crianças. É o adulto que precisa agir sobre si, transformar-se, subjetivar-se (FOUCAULT, 1998).

As expressões faciais da menina criam um efeito de sentido de sofrimento e impotência diante dos males do tabagismo passivo. Esse enunciado nos leva a pensar que a criança parece resignadamente, sem ter como escapar dos riscos a que é exposta pelo adulto fumante. Mobiliza-se o discurso sobre a pureza da criança, para mostrar como ela é posta em ameaça pelos efeitos nocivos das substâncias presentes no cigarro.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

É estabelecida uma relação de vítima e vilão entre a criança e o adulto fumante. Sobre esse último, recai a responsabilidade pelos danos causados à saúde do primeiro. A falta de governo de si (FOUCAULT, 2005b) impede que o fumante consiga governar o outro pelo qual é responsável. O biopoder (FOUCAULT, 2005a) assume a função de regular essa relação e combater as agressões que o corpo do não fumante sofre.

Dessa forma, esse enunciado é perpassado por um discurso que sugere ao sujeito fumante formas de controle das suas condutas para evitar causar o adoecimento de outros sujeitos. Entre ele e o próximo, da Figura 2, há uma regularidade discursiva (FOUCAULT, 2008) que se dá pela continuidade temática em relação ao discurso de cuidado com a infância.

Figura 2: Fumaça tóxica



Fonte: INCA, 2008

Esse enunciado traz uma criança, uma menina, que está sendo alimentada pela mãe ou outra adulta que assume essa responsabilidade, como atesta a mão feminina que conduz a comida na colher. Essa pessoa, ao mesmo tempo em que alimenta a criança está fumando, provocando o espalhamento da fumaça pelo ambiente e a reação de nojo da menina, criando um efeito de sentido de nojo pelo alimento, como se ele estivesse contaminado pelas substâncias do cigarro.

O efeito de sentido de sofrimento por parte da criança não é igual ao do enunciado anterior, pois não implica em resignação e vitimização impotente. Mesmo apresentando-a como dependente do adulto para se alimentar, esse enunciado mostra que a criança reage



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

negativamente, criando, assim, um espaço para uma micro resistência (FOUCAULT, 2009) à relação de poder entre ela e a adulta em questão.

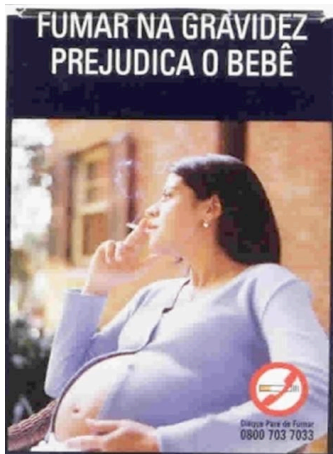
No que diz respeito ao sujeito fumante, o excesso de restos de cigarro dentro do cinzeiro e a presença da fumaça no ar associam-no a um compulsivo e inconsequente, que nem mesmo no momento de alimentar uma criança para de fumar. O fumante é construído discursivamente como alguém que não sabe governar a si e, portanto, não tem condições de governar o outro (FOUCAULT, 2005b).

Além disso, mantém-se uma continuidade com o discurso que cria a relação vítima/vilão entre o fumante passivo e o adulto que o expõe a um risco de saúde, mas ocorre um deslocamento, pois nesse enunciado a criança não está perecendo de nenhuma doença respiratória. A ação de prender a respiração constitui uma forma de resistência, mostrando também que a criança percebe um risco que o adulto ignora.

Nas grades de especificação (FOUCAULT, 2008) das doenças causadas em crianças pelo tabagismo passivo, emergem nesse enunciado apenas duas: pneumonia e bronquite, diferentemente do enunciado 1, que especifica quatro doenças. Há, portanto, uma continuidade e um deslocamento entre esses dois enunciados. O que há de regular entre eles é a temática dos males do tabagismo passivo à saúde de crianças.

Os enunciados que analisaremos a seguir alertam para os riscos que o fumo passivo traz à saúde de bebês ainda em gestação cujas mães fumam.

Figura 3: Fumar na gravidez prejudica o bebê



Fonte: INCA, 2001



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O enunciado da Figura 3 mostra uma grávida fumando. Aqui também são construídas as imagens de vilã, para a fumante, e de vítima, para o bebê. O discurso médico sugere, entre outras formas de cuidado de si e do outro (FOUCAULT, 2005b), o abandono de substâncias tóxicas durante a gestação.

Nesse enunciado, não é especificada essa quantidade diária de cigarro que pode causar prejuízo à gestação, o que cria um efeito de sentido de que ao fumar, a gestante já estará prejudicando o seu bebê, numa relação de causa e efeito. Além disso, a fumante é construída discursivamente como um sujeito que não cuida de si e do bebê que está gestando. Ela é marcada pelo desgoverno de si e consequentemente do outro, pelo qual responde. A governamentalidade (FOUCAULT, 2013) promove o controle da saúde de ambos os sujeitos.

Esse enunciado apresenta uma continuidade temática em relação a outros de diferentes temporalidades, que relacionam o tabagismo passivo a bebês. Esses enunciados estão em um domínio associado (FOUCAULT, 2008) no qual há repetição de um mesmo tema, uma recitação (COURTINE, 2006). Há uma formulação à qual os discursos remetem, uma retomada que ocorre no espaço de memória do qual os enunciados fazem parte.

Na Figura 4, é dada atenção aos riscos de parto prematuro e nascimento de bebê com peso abaixo do normal, devido ao consumo de cigarro pela mãe na gestação.

Figura 4: Em gestantes, fumar provoca partos prematuros e o nascimento de crianças com peso abaixo do normal



Fonte: INCA, 2003



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Esse enunciado mostra um bebê na incubadora, cercado por aparelhos. Um recém-nascido saudável pode ser posto nesse local para realização de exames pós-natais, porém, um olhar não tão apurado basta para perceber a debilitação do corpo do bebê, discursivamente construído como frágil, magro e doente.

Destacamos, da sequência verbal, o alerta de que “em gestantes, fumar provoca partos prematuros e nascimento de crianças com peso abaixo do normal”. Dito desta forma, a advertência cria uma relação de causa e efeito, que não é relativizada com o uso de modalizadores como “pode provocar”, “aumentam os riscos de...”, ou então com a indicação de quantos cigarros precisam ser consumidos para que isso ocorra, pois, como dissemos, há uma quantidade diária determinada para que tais efeitos sejam desencadeados. Isso ocorre porque, se o objetivo da campanha é fazer com que as gestantes parem de fumar, a especificação de um número diário de cigarros consumidos para que a saúde do bebê seja prejudicada poderia impedir que se atinja tal objetivo.

Já na Figura 5 chama-se a atenção para a possibilidade de ocorrer aborto espontâneo se a mãe consome cigarro na gestação.

Figura 5: Fumar causa aborto espontâneo



Fonte: INCA, 2003

Aqui há uma busca pelo choque, ao apresentar a imagem do feto dentro de um recipiente de vidro. A pele dele está coberta de cinzas do cigarro, como se ocorresse um



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

acúmulo dessa substância durante o seu desenvolvimento. Os efeitos de sentidos que a parte verbal da advertência possibilita construir é que o ato de a gestante fumar, em si mesmo, “causa” aborto de modo “espontâneo”, não importando a quantidade de cigarro consumida. Há uma relação direta e imediata de causa e efeito, sem mediação. Esse sentido pode ser construído porque não há uma relativização, não há modalizadores no discurso como “pode causar” ou uma indicação da quantidade diária de cigarro consumida para que tal consequência ocorra.

Além disso, a lexia “aborto” é perpassada por um acúmulo de sentidos historicamente construídos. Nas sociedades ocidentais, a prática de aborto voluntário não é bem vista, sendo considerado crime em alguns países. Há também um discurso religioso que a condena. Mesmo se tratando de aborto espontâneo, a justaposição dos termos “causar” e “abortar” cria um efeito de negatividade, porque os sentidos historicamente sedimentados são evocados e constroem um sentido de crueldade.

O discurso de cuidado de si é perpassado pelo cuidado do outro (FOUCAULT, 2005b). Para evitar o aborto e o parto prematuro, a gestante deve tomar uma série de cuidados. O abandono do cigarro é um deles. Ser mãe implica em governar seu filho, no sentido que Foucault (2013) dá a esse termo. A mãe precisa ter responsabilidade sobre a vida e tudo mais que diz respeito ao seu filho. O combate ao tabagismo é perpassado por uma lógica de que para saber cuidar bem de seu filho, a gestante deve conseguir dominar seus prazeres, pois eles podem custar a vida do seu bebê.

Dando prosseguimento à nossa análise, no enunciado da Figura 6 há uma continuidade temática em relação aos anteriores, mas ocorre a inserção de outro risco: o da morte do bebê.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Figura 6: Vítima deste produto



Fonte: INCA, 2008

Essa imagem foi alterada digitalmente para causar um maior efeito de choque. Assim, se na imagem da criança sendo alimentada, o cinzeiro ficava ao lado do prato, e na imagem do feto abortado, as cinzas estavam acumuladas na pele, aqui o bebê está morto dentro do próprio cinzeiro, ladeado por restos de cigarro e coberto de cinzas.

A ideia de que o fumante passivo, neste caso um feto, é vítima do tabagismo não está no nível do não-dito, mas inscrita na superfície discursiva, conforme podemos ver na parte superior do enunciado. Consequentemente, o fumante, que nos enunciados da primeira série enunciativa emerge como vítima, torna-se um vilão.

Esse enunciado ganha respaldo em nossa sociedade, pois, como dissemos, no ocidente, o aborto, dentro de certas condições, é considerado um crime e também é condenado pelas instituições religiosas. Assim, o discurso que perpassa esse enunciado possibilita construir para o sujeito fumante a imagem de um criminoso.

Assim, essas imagens estão inscritas em uma rede, suscitando outras imagens, estendendo ramificações genealógicas na memória discursiva, ou seja, possuem uma relação de intericonicidade, que “supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulações, segundo Foucault” (COURTINE *apud* MILANEZ, 2006, p. 168). É isso que nos possibilita construir sentido aos enunciados, pois nos remetem a questões morais, religiosas e políticas de nossa cultura que os atravessam.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Ao colocar a imagem do bebê morto como a vítima do tabaco, ao mesmo tempo em que diz que esse produto intoxica tanto a mãe quanto o bebê, o alerta do enunciado responsabiliza a mãe pela morte do filho, mesmo que de modo indireto. A presença do feto no cinzeiro evoca uma cena presente no imaginário coletivo, que é das mães que abandonam seus filhos no lixo. Simbolicamente, esse enunciado conduz a pensar que a gestante que fuma descarta o seu filho junto com os restos do cigarro que consome.

Assim, nessa prática discursiva, a gestante que fuma é discursivamente construída como alguém que não governa a si e nem ao outro (FOUCAULT, 2005b) pelo qual tem responsabilidade.

Considerações finais

Discutimos os riscos do tabagismo passivo à saúde analisando os enunciados que alertam para os perigos à saúde de crianças e de bebês em gestação. Em nossas análises verificamos que, na materialidade discursiva, há uma relação entre vítima e vilão na qual o sujeito fumante emerge como vilão. Esse sujeito é discursivizado como uma ameaça para toda a população, pois possibilita o adoecimento e a morte de outros indivíduos por meio do fumo passivo. Por isso, o cuidado do sujeito fumante consigo implica no cuidado com o outro.

O combate ao tabagismo se pauta em saberes e instituições, tais como o saber da Medicina, que em nossa época goza de um poder de verdade e por isso tem função normalizadora na vida da população e nas instituições jurídicas, que agenciam o discurso antitabagista e controlam o seu modo de circulação.

Esse discurso objetiva manter a vida da população saudável, para que ela possa ser mais produtiva, evitando gasto com eventuais tratamentos de saúde em decorrência do consumo de cigarro. Há, portanto, um poder que gerencia a vida, que faz viver e evita a morte. Resistir a esse poder implica em ser punido por doenças e, num caso mais extremo, pela morte, grande temor de nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, J.J. *Metamorfoses do discurso político*: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos, SP: Claraluz, 2006. 160p.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

_____. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 174p.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 232 p.

_____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 155 p.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005a, p. 285-315.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Gaal, 2005b. 246 p.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 273-295.

_____. Governamentalidade. In: _____. *Microfísica do Poder*. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013, p. 407-431.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

_____. Identidade: objeto ainda não identificado? Vitória da Conquista, BA: *Estudos da Língua(gem)*. v. 6, nº. 1, 2008, p. 81-97.

MILANEZ, Nilton. *As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa*. Tese (Doutorado), pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006. 210 f

_____. A “Casa de Usher” de Roger Corman: o campo de memória e o cromático-discursivo no discurso fílmico. Uberlândia, MG: *Revista Let. & Let*, v. 28 n.2, 2012, p.579-590.